

miau!

Porto, 24 de Março de 1916

Redacção e Administração:
Rua 54 da Bandeira, 130-2.º — Telefone 1655.

PROPRIEDADE DA EMPRESA
MIAU!

EDITOR: Mario d'Oliveira
Composição e Impressão: LITOGRAFIA NACIONAL
Rua da Malmerendas, 20—Porto.

A declaração de guerra
da Austria a Portugal.



Francisco José:— este Guilherme obriga-me a fazer disparates até ao fim da minha vida!...

Leal da Câmara

O FADO

A declaração de guerra que nos fez a Alemanha não conseguiu perturbar, um só instante, esta tranquillidade tão característica em Portugal.

Os theatros continuaram a encher-se, o commercio seguiu fazendo as suas transacções, os politicos não deixaram de continuar fallando, as senhoras janotas não abandonaram a moda, os cinematografos continuaram a ensinar o hespanhol aos portuguezes e a maneira pratica de ser delectivo e ladrão e os meninos bonitos continuaram a cochichar boatos tetricos á porta das confeitarias...

Um estrangeiro que viesse a Portugal para ver a impressão que tinha causado a declaração de guerra veria que o Zé Povo continuava imperturbavel como nos mais felizes tempos de paz.

Será isto a consequencia de um enfraquecimento de raça ou será uma das características d'esta raça de sonhadores?

Cada paiz tem a sua especial maneira de ser para encarar os problemas nacionaes. O allemão resolve-os á bordoadá para corresponder ao seu ideal que é a Força.

O francez trabalha para viver feliz no goso da vida amavel, produzindo o menor esforço para conquistar o necessario para viver com elegancia. Quando surge uma difficuldade, elle diz: *je m'en fous!*... mas afinal sempre vae

arranjando as coisas para evitar novos embaraços.

O inglez tem o *business* como lema e como factor da felicidade e o povo russo que é fatalista como o nosso, tem o famoso *Nitchevo*.

Quanto mais difficil é o problema a resolver e tantos mais factores materiaes ou moraes se associam para constituir essa difficuldade, mais ella lhe responde com o negativismo da sua alma fatalista dizendo a simples palavra — *Nitchevo!*... onde param todo um passado de submissão.

Aqui, em Portugal, temos o Fado. E' esse himno da nossa preguiça que nos está envenenando a alma com o seu ritmo plangente cheio de saudosismos.

Quem tem a culpa de tudo quanto nos succeda?

E' o fado!

O fado é o destino, o fado é o que se não póde remediar...

Mas, seja como fór, sempre é uma maneira *muito nossa* de resolver os grandes problemas e, se algum dia a brutalidade allemã trouxer á nossa pacifica terra portugueza a barbaridade da guerra e uma granada kolossal vier rebentar n'este céu purissimo azul turqueza, estou certo que o bom Zé Povo não perderá — nem sequer n'esse momento — a sua pachorrenta tranquillidade.

Talvez para um instante de dedilhar o choradinho, olhará a trajetoria do otus inimigo e ao ouvir o estroendo dirá:

— E agora que mais hade ser?!... E continuará cantando!...

Jalzus.

O sr. dr. Brito Camacho, embora declarasse estar pronto a auxiliar o governo nacional que está constituído, meteu os pés á parede, e não houve solicitações que o demovessem da teimosia em que se fincou de não fornecer elementos seus para o novo gabinete.

Esta resolução-hirra do illustre director da *Lucta* teve a singular desvantagem de deixar boquiabertos os seus mais dedicados correligionarios, os quaes, a despeito do maquiavelico modo de ver do chefe unionista, se uniram, em corpo e alma, aos sentimentos patrióticos do governo e do povo portuguez.

Não será, pois, caso para admiracão se, qualquer dia, virmos o sr. Brito Camacho, de banza em punho, choroso e plangente, a cantarolar esta velha e significativa quadra:

N'este campo solitario

Onde a desgraça me tem

Choro, ninguém me responde...

Olho, não vejo ni guem!

O sr. governador civil mandou encenar as portas do Teatro Nacional, por motivo de a empresa não ter procedido ás obras indicadas pela ultima victoria.

Com o teatro fechado, n'este periodo de temporal defeito, é caso para a companhia Dora formar em bando, á laia de pescadores, e vir para o meio da rua entoar o *Beudillo* e *louvado seja*.

Não era, mas parecia um reclame á revista dos nossos amigos Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa—*Amor do apêso*...

OS KÁGADOS...

Depois da enorme façanha da guerra que a Portugal Declarou a Alemanha Eu vejo muito animal Andar em palpos d'aranha.

Olhando de lés a lés, Descubro aí creaturas A paroliar nos cafés, Com arreganho e tesuras De verdadeiro entremés.

Quando a conversa deriva Sobre a façanha teutonica, Dão-nos a nota impressiva, Apavorada e sinfonica D'uma bravura passiva...

Já não valendo um pataco, Prevendo sangue e molins, Sentem o kaizer... no cacó, Só fazem em zepellins E apertam certo buraco...

Deital-os! São de topete Nas previsões, nos engodos. O kaizer já está vegde P'ra confundir-nos a todos Co'a agulá d'um capete.

Nas longas folhas da historia, De confirmar tal victoria E' de supor se não gabe: Mas certa gente admite-o... — A tal gente a quem não cabe Um feijão frade no sitio...

ACACIO TRIGUEIRO.

Vêr no proximo numero do MIAU! a cronica lisboeta de *Aquillino Ribeiro* e os desenhos de *Christiano de Carvalho, Sem e Leal da Camara*.

O Bando de Guilherme



O turco:— quem é este velhito que entra agora na contenda?

O Kayser:— Um diabolico marinheiro que descobriu a India e o Brazil e já foi senhor d'aquem e d'alem mar!...

Desenho de Christiano de Carvalho

A revista naval!

(Dizem os jornaes que ha grande movimento no canal de Kiel e que é provavel que a esquadra allemã se esteja preparando para sair).



O Kaiser passa revista a novo batalhão de marinheiros armados de espanjadores destinados a limpar as teias de aranha que se formaram entre os navios imperiaes ha tanto tempo immobilizados... Desenho de Leal da Camara.

A moda e o "chic,"



Desenho de Azevedo

As mulheres são talvez as unicas pessoas em Portugal que estão em comunicação constante com a civilização.

Os rapidos e o *Sud-Express* que unem Paris a Lisboa e ao Porto; servem, mais que nada, ás senhoras portuguezas.

E' por esse *Sud-Express* que chegam em 36 horas os chapéus e os vestidos que as parisienses usão nos boulevards dando-lhes aquelle tom pessoal que faz o encanto da moda franceza.

E por isso a lisboeta e a tripeirinha já não são aquellas singelas meninas que passeavam com fatiotas absurdas pela antiga Avenida da Liberdade ou saltitavam pelos lagédos escorregadios da rua dos Clerigos.

Hoje, estão ao par da grande moda e lêem as revistas de Paris com o fervor com que um mussulmano crê na Alcorão.

E apesar de que o *chic* se cultiva mas não se aprende pois só o é quem para elle nasceu, a elegante portugueza busca imitar absolutamente o figurino

ideal e muitas vezes ultrapassa-o no seu caracter, estilizando-o.

A elegancia fica sempre e será o equilibrio severo que se chama o bom gosto. O *chic* é mais perverso e talvez por isso mesmo mais sinceramente feminino.

A alfacinha janota e a tripeirinha elegante são, na maioria das vezes, cheias de *chic* encarrapitadas nas suas botas de tacão alto, com trinta e dois botões bregeiros a subirem até ao começo do primeiro folho da saia curta.

E ellas lá vão no tic tac dos seus passinhos medidos, fazendo gestos decadentes apesar do ligeiro ar marcial de vivandeiros dos exercitos de Napoleão...

Deitam olhadellas de soslaio para os espelhos das lojas a ver se o caracol do cabelo está bastante impertinente e se os jovens perfumados, de lençinho na algibeira, olham com os olhos de vor, as lindas bonequinhas que ellas são.

Ellas seriam modelos ideaes para os pintores modernistas e, quanto a leituras, já não lêem as obras de Soares de Passos e nem os versos do sr. Julio Diniz. Seria demasiado *botas d'elastico!*... O *chic* é ler os versos do sr. Lebre e Lima e as cronicas do sr. Aarão de Lacerda...

Ellas são realmente modernas, modernissimas e mesmo modernistas!... O unico laço que as prende á civilização passada é o gosto inveterado pelo bacalhau com grêlos!...

EM VERDUM



O general alemão: perdemos trezentos mil homens mas ganhamos trezentas mil rações!... Desenho de L. Mévret



Desenho de Balha e Helleo

miau! _____

TRISTE DEVER!...



A Republica não entra na guerra com o prazer de matar. Ella conduz os seus filhos á Morte para conquistar a Vida e a Liberdade das gerações futuras.